

*** PROMETEUS FILOSOFIA ***
CÁTEDRA UNESCO ARCHAÍ
VIVA VOX
Julho- Dezembro de 2016 volume 9 ano 9 n. 20
ISBN: 2176-5960

APRESENTAÇÃO

As Olimpíadas chegam ao Brasil. Despertam sentimentos ambíguos, porque ambíguo é o Brasil, com sua modernização sempre adiada e sua alegria apaixonada. Não por acaso, este “Dossiê Filosofia e Esporte”, que agora a *Prometeus* entrega à comunidade filosófica brasileira, partiu inicialmente de uma mesa sobre “As paixões e o esporte” realizada na XVI Semana de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, no último dezembro, cujo tema era “As paixões” e que contou também com imprescindíveis discussões sobre “As paixões e a religião”, “As paixões e a política”, etc. Já ali pareceu que havia uma grande lacuna a ser preenchida e um grande sentimento de falta por parte de professores e estudantes sobre o silêncio particularmente inquietante da filosofia a respeito dos esportes, que tão presentes estão na vida e no cotidiano das gentes e nações, e que contrasta com o arrebatado grito das torcidas, nos estádios, nos ginásios e nas casas. Desde Wittgenstein, “jogo” tem feito parte constante do vocabulário filosófico apenas metaforicamente, mas pouco em si mesmo. Mas a chamada para publicação sobre o tema “Filosofia e Esporte” foi prontamente respondida, tanto por pesquisadores do país quanto de fora do país, provando que o silêncio era apenas aparente e reverberando uma reflexão que na verdade já se desenvolve há alguns anos em todo mundo e que, junto com as Olimpíadas, também aqui desembarcou para a audiência ou visibilidade definitiva.

Os ânimos oscilantes a respeito da Copa do Mundo de 2014, que geraram desde a revolta ao entusiasmo, da euforia à resignada derrota, se repetem. Dias antes da realização dos Jogos do Rio de Janeiro, esta cidade que é condensada metonímia do próprio país, uma jornalista da *Deutsche Welle*, contra a opinião comum, afirmava: “o Brasil é o país que, apesar de todas as profecias apocalípticas, sediou uma Copa do Mundo bem-sucedida em 2014. É o país que viu sua seleção ser massacrada de forma espetacular pela Alemanha – e os brasileiros, em vez de saírem quebrando tudo, tiveram

a grandeza de dar parabéns aos vencedores”¹. Mais do que isto, a jornalista chamava atenção para o fato de como os Jogos Olímpicos precisam de uma “para lá de atrasada” *mudança de paradigma*, para a qual o Brasil poderia contribuir, já que “não são o gigantismo, a comercialização e o perfeccionismo que fazem dos Jogos Olímpicos um evento bem-sucedido, mas a hospitalidade e o entusiasmo esportivo da população”.

Afora a esperança messiânica que o Brasil sempre dará ao imaginário europeu em geral, especialmente ao alemão, podemos brindar este “dossiê” já com uma profunda reflexão sobre a ambígua “chegada da modernidade” que os Jogos representam, inclusive como imagem de um domínio tecnológico e bélico simbolicamente demonstrado por parte dos países-sede, segundo a provocante leitura de Luiz Carlos Santos da Silva, a respeito do mito de Prometeu e sua recepção pelos modernos, como Bacon e Hobbes. Para Silva, os Jogos são uma espécie de castigo dos deuses, ilustrando um “eterno retorno da mesmice, da competição, do poder e da barbárie”, numa sugestiva digressão, não explícita, com Nietzsche contra Nietzsche. A cultura da competição seria herdeira de uma festejada batalha infindável pela perfeição, que, no mito, os deuses impuseram aos homens como castigo ou “presente de grego”.

Por outro lado, não deixa de ser intrigante que Marcelo de Araujo, enfrentando a questão do uso de doping no interior do difícil panorama ético sobre o “melhoramento” ou “aprimoramento” (*enhancement*) humano não só pretenda, com ricos exemplos, mostrar o caráter problemático de alguns dos principais argumentos contra o uso de tecnologias de aprimoramento nos esportes como também argumente contra Michael Sandel nos seguintes termos: “O único argumento que Sandel apresenta em favor da preeminência dos “talentos naturais” sobre o “esforço” dos atletas é, a meu ver, uma ideia obscura, a saber: o “caráter de dádiva [*giftedness*] que existe nas potências e conquistas humanas”. O próprio Sandel reconhece que essa é uma ideia religiosa.” É possível que, quando Marcelo afirma criticamente que a suposição de que seja reprovável empregar tecnologias para a superação dos talentos naturais envolva “a aceitação de ideias metafísicas de caráter teológico ou teleológico” ele esteja apontando para algo semelhante ao que Luiz Carlos quis apontar com sua interpretação filosófica do mito? Decida o leitor.

Se o dilema do autoaperfeiçoamento olímpico do ser humano pode ser um ambíguo “presente de grego”, Christopher Alexander Franke nos presentearia com uma delicada revisão dos argumentos éticos normalmente utilizados no debate sobre o doping, reconhecendo a fraqueza dos “valores” pretensamente assegurados por aqueles que querem banir dos esportes o uso de substâncias caracterizadas como proibidas. Mas sua maior jogada é reconhecer que há outros valores no esporte que não são alcançados por tal perspectiva ética. Franke recorre à reflexão estética de Hans Ulrich Gumbrecht e a um conceito amplo de “amadorismo” para defender o que as deliberações éticas não conseguem, ampliando o escopo conceitual da discussão sobre o doping.

¹ Prange, Astrid. *Opinião: Até que enfim, Jogos Olímpicos no Brasil!* Deutsche Welle, 30.07.2016. Disponível em <http://www.dw.com/pt/opini%C3%A3o-at%C3%A9-que-enfim-jogos-ol%C3%ADmpicos-no-brasil/a-19439143>. Acessado em jul 30, 2016.

Ainda bem que a menção à obra pioneira de Gumbrecht sobre a beleza atlética não pegou os organizadores deste dossiê desprevenidos. Logo a seguir, o leitor poderá conhecer a tradução inédita em português de um texto de Gumbrecht que toca o cerne do seu celebrado conceito de presença e da noção de “perder-se na intensidade da concentração”, atitude própria do atleta. Assinam esta versão autorizada pelo autor os tradutores Guilherme Foscolo e Nicolau Spadoni. Mas a importância de Gumbrecht para a reflexão filosófica sobre o esporte é grande demais para ficar sem maiores esclarecimentos. Por isso, Foscolo e Lílian Buonicontro, na sequência, exploram, em seu interessante artigo, as relações elementares entre beleza atlética e experiência estética, sobretudo porque Gumbrecht, em sua noção de “perder-se na intensidade da concentração”, lança mão de um aparato teórico heideggeriano não exatamente compatível, para eles, com um certo recurso a Kant. Esteja certo o leitor familiarizado com o tema de que se verão discutidos aqui problemas deveras relevantes acerca desses autores, e o leitor não familiarizado verá abrir-se diante dele caminhos conceituais excelentes no esforço de empreender uma filosofia do esporte. Verá que é possível, sim, abordar o esporte de uma maneira intrinsecamente filosófica.

Não poderia, obviamente, numa coletânea sobre “Filosofia e Esporte” faltar o futebol. Mas não é só isso que o artigo de Anna Hartmann Cavalcanti faz, isto é, preencher uma lacuna. Pelo contrário, a autora empreende uma verdadeira reflexão iluminadora sobre o futebol a partir dos escritos de Nelson Rodrigues e em diálogo frutífero com as noções de apolíneo e dionisíaco desenvolvidas por Nietzsche. Concentrando-se nas relações entre torcida e campo de jogo, Hartmann é sensível ao modo como a torcida não apenas assiste passivamente ao espetáculo, mas é capaz, como um coro trágico, de acompanhar e influenciar o jogo. Não é apenas o gol que produz o entusiasmo na torcida, mas também ela, provocando atitudes, profetizando o acontecimento, é capaz de gestar o gol no seu próprio ventre e trazê-lo à luz.

Porém, como não poderia ser diferente, mais do que um, temos dois artigos sobre o futebol. Arthur Grupillo preocupa-se, da mesma forma, com a torcida, de um ponto de vista bem distinto. Partindo da perspectiva de uma Teoria crítica da sociedade, nos moldes de Adorno, mas com aprimoramentos habermasianos e pasolinianos, Grupillo reflete sobre as inúmeras dialéticas do processo de modernização do futebol, tanto em sua fisionomia externa, em publicidades e contratações, quanto em sua linguagem interna, como nos manuais técnicos e esquemas táticos. Localiza ainda, no interior deste processo, a formação de uma “personalidade autoritária”, semelhante à do fascismo, no fenômeno específico das torcidas organizadas. A esta excessiva profissionalização, que atinge até a torcida, Grupillo contrapõe a importância do amor pelo esporte, que inclui também a derrota e pode ser entendido como uma “paixão” pelos revezes da vida.

Não menos importantes são os dois artigos que fecham o dossiê. Cicero Cunha Bezerra arrisca interpretação bastante íntima da Capoeira, como arte, dança, jogo, em que se revolvem, no homem, as coisas típicas do animal e, no animal, as coisas típicas do homem. A capoeira ameaça, esquiva-se, e volta a ameaçar a distinção entre cultura e

natureza. Por fim, Gustavo Racy discorre pacientemente sobre os mais variados aspectos da história e da constituição do Aikidô. E se a capoeira é luta que é arte, e arte que é jogo, o Aikidô se mostra, antes de tudo, como luta que é filosofia, filosofia que é religião, e religião que é modo de vida. Também aqui as distinções conceituais básicas, como corpo-mente, ameaçam desfazer-se num golpe.

Apesar da sua variedade, o que não poderia surpreender, há muitas semelhanças entre as diferentes abordagens e os diferentes temas, indicando algum tipo de necessidade objetiva. Trata-se, talvez, de uma discussão sobre limites. Dos limites do humano, dos limites da ética, dos limites da racionalidade, dos limites da profissionalização, dos limites nossos que podem apontar para limites outros, intransponíveis, num jogo contínuo de autolimitação e limitação objetiva que dá à filosofia, através do esporte, não apenas uma maior compreensão da realidade, mas uma maior autocompreensão. Filosofia e esporte é, sem dúvida nenhuma, uma combinação capaz de produzir muito boa filosofia.

Segue-se ao dossiê a sessão de fluxo contínuo, com os interessantes artigos de Thomas Matioli Machado, Luciano da Silva Façanha, Lussandra Barbosa de Carvalho, Valter Duarte e Sheila Paulino e Silva. A edição se completa com uma resenha de Rodrigo Pinto de Brito.

Arthur Grupillo
Editor do dossiê